

## BOCHIMANES DE ANGOLA

A bela monografia que MANUEL VIEGAS GUERREIRO <sup>(1)</sup> acaba de consagrar aos Bochimanes de Angola está vazada nos moldes clássicos da Etnografia; é relevante, todavia, o interesse geográfico do estudo duma das últimas populações que conserva a recolecção como modo de vida, adaptando-se, por meio dela, a um espaço vasto e desprovido de recursos. Só um baixo nível de civilização material, limitando as exigências primordiais, e a existência de técnicas engenhosas de aproveitamento do pouco que a natureza ministra permitiram a este povo primitivo subsistir e espalhar-se, embora em hordas minúsculas e distantes, por uma área enorme e repulsiva, tanto para as populações negras que praticam a agricultura e o pastoreio como para a colonização branca, que só marginalmente aflora esse grande vazio humano do Globo: assim, só o isolamento e a severidade do ambiente preservaram esta «gente movediça, e rala, e desconfiada, e dispersa por espaços sem fim», conservando os traços característicos do seu viver — que foram afinal comuns à humanidade inteira durante o longo e obscuro decurso da sua expansão à superfície da terra.

As primeiras notícias de Bochimanes encontram-se no roteiro da viagem de Vasco da Gama (1499) e nos cronistas dos Descobrimentos: um povo de cor baça, baixa estatura, cabelo revoltado, falando por «saluços» e vivendo da pesca, da caça, da apanha de raízes e mel silvestre (Angra de Santa Helena); além do Cabo, gente em tudo semelhante pastoreava vacas e carneiros. Século e meio depois, os

(1) *Bochimanes! Khung de Angola. Estudo Etnográfico*, Lisboa, 1968, 388 pp., 85 figs. fora do texto, 15 desenhos, 1 mapa. Alguns assuntos tratados com minudências próprias da Etnografia não são referidos nesta resenha, por estarem fora da índole da presente revista. O autor procurou dar ao assunto um tratamento completo, a despeito da dificuldade de obter material para certos capítulos.

Holandeses encontravam-nos por seu turno e deram-lhes o nome por que viriam a ser conhecidos: *homens do mato* — alusivo à sua maneira de viver. Só no século XIX os exploradores portugueses voltariam a falar deles, insistindo no seu viver primitivo, na língua que ninguém entendia, na fealdade e na repulsão que causavam. Perdera-se, com a consciência da superioridade europeia, a simpatia humana que transparece nalgumas páginas dos escritores quinhentistas. E os Bochimanes, até quase aos nossos dias, permaneceram isolados e pouco conhecidos.

A área que ocupam é o residuo doutra muito mais vasta. Restos de esqueletos dão-nos como tendo-se espalhado, na Média e Última Idades da Pedra, numa área que ia do Cabo ao Sudão. A distribuição das suas pinturas rupestres parece indicar uma superfície ainda mais vasta, afins como são das do Sahara e das do Paleolítico superior da Península Ibérica (pelos desenhos de animais, da arte franco-cantábrica, pelas grandes composições de dança e de caça, da arte do Levante). Algumas populações negras adoptaram as suas práticas de caça ou mestiçaram-se com eles. No século XVI, sob a pressão dos Pretos e dos Hotentotes, já eles se tinham retirado para o interior. Mesmo aí foram implacavelmente perseguidos, tanto por populações africanas melhor armadas como pelos colonos holandeses. Assim desapareceram do Drakensberg, onde deixaram o testemunho de belos conjuntos pictóricos. Como último reduto, restavam-lhe «as solidões do Kalahari». O ambiente em que se refugiaram não é o do puro deserto, que só existe no litoral e é uma inviolada solidão: da savana rala à estepe, onde o capim reverdece com as chuvas, que caem todos os anos. Nada que, no hemisfério norte, povos pastores e caravaneiros não fossem capazes de aproveitar. A razão fundamental da repulsa relativamente às populações pastoris pretas deve estar na ausência do escavamento de poços profundos e da constituição do oásis de apoio ao povoamento ralo e movediço. Quanto aos Bochimanes, tão imperfeitas são as suas técnicas que antes se deve falar de renúncia do que de adaptação. Vivendo apenas da recolecção, podem ter ocupado este ambiente antes de serem compelidos a fazê-lo. Os cálculos mais autorizados orçam-nos entre 55 000 e 60 000, dez vezes mais do que se lê em várias obras de Etnologia. Os seus traços físicos dominantes são a pequena estatura (todavia não tão baixos como os Pigmeus), a tendência para a braquicefalia, a esteatopigia das mulheres, a cor amarela e outros caracteres mongolóides; mas os cabelos são encarapinhados e não corrediços; a fraca pilosidade do corpo têm-na em comum Amarelos e Pretos. Tanto os Bochimanes como os Pretos e Hotentotes que com eles confinam perderam a memória de qualquer deslocação: uns e outros afirmam que os Bochimanes sempre aí estiveram. Quanto às hipóteses sobre a sua origem, assentam todas em base científica muito frágil, algumas são até destituídas de simples bom senso. Perante este denso mistério, parece fora de dúvida que os Bochimanes são o povo mais antigo da África do Sul.

Em Angola encontram-se entre o Cunene e o Cubango, mais densamente, sendo mais raros entre este rio e o Cuando; algumas hordas

deslocam-se a leste de Sá da Bandeira, em ambiente menos hostil. As terras onde se movem dão uma impressão de desoladora solidude. «Nem campos de cultura, nem povoações, nem um vestígio claro de paisagem humanizada. Extensões imensas, umas iguais às outras, cobertas de vegetação espontânea, em que se sucedem os bosques abertos e as clareiras herbáceas, e tudo prosperando ou morrendo num solo de areias secas e movediças.»

Os que vivem próximo de Pretos e Brancos prestam-lhes alguns serviços e obtêm assim alimentos e utensílios. Mas a mestiçagem é rara! «As mulheres bochimanes resistem às solicitações dos Bantos e as negras manifestam profundo desprezo pelos homens do mato... Se há exemplos de culturas quase autónomas, primitivas nas suas técnicas, mas inteligente e engenhosamente ajustadas ao ambiente de que dependem e sobre cuja fisionomia original pouco ou nada influem, a dos Bochimanes é uma delas.»

A recollecção pura, dado que a caça vai rareando, é actividade principal e nela têm as mulheres a mais larga parte. 80 p. 100 da alimentação é vegetal. Munidas dum pau de escavar, as mulheres espalham-se em torno do acampamento, com os filhos às costas e os mais crescidos atrás, e procedem à apanha de tubérculos, frutos, lagartas, formigas e suas larvas, cobras, que metem num cesto, à cabeça, ou numa pele, a tiracolo. Ao meio do dia ou à noite, conforme a distância e o que apanharam, voltam e só repartem com outros, se querem, o que conseguiram obter. Outrora, as raparigas catavam-se umas às outras e comiam os piolhos; mas todos negam comer gafanhotos. Os homens ajudam às vezes este trabalho de mulheres, mas pertence-lhes exclusivamente a apanha do mel, guiados pelo voo duma abelha e do «pássaro do mel». Tiram-no das árvores, depois de afugentarem com fumo o enxame, ou de buracos na terra. Parte dele, com larvas e abelhas, vivas e mortas, é logo comido. A cera é objecto de permuta, por tabaco, cangonha (cânhamo de fumar), missangas e, nas lojas, por panos e farinha de milho.

O papel da caça foi exagerado pelos autores que escreveram acerca de Bochimanes. Um missionário que os acompanhou um ano inteiro apenas os viu comer carne três vezes. Caçam-se os antílopes, com arco e flecha, o cuio, pequeno roedor que se tira da toca com uma grande vara terminada em gancho; as formas das pontas são variadas e envenenadas, para a caça de maior porte. Dos Bantos recebem o arame para o gancho, lâminas de faca e ferros de machado. Usam armadilhas e caçam com cães, como já refere o Roteiro de Vasco da Gama. A pele de antílope serve para fazer a aljava e um tendão a corda do arco. Vários ritos a divindades ou espíritos de antepassados destinam-se a tornar propícias as caçadas; a significação da caça é tal que só ela confere ao adolescente a dignidade de homem. Com flechas e venenos pouco potentes, os animais corpulentos fogem e o caçador vai-lhe no rasto ou espera, à entrada do acampamento e em estado de pureza ritual, que a peça ferida possa ser acabada, trazida e repartida. A vara de 5 m que se introduz na lura da lebre saltadora

e exige grande destreza de manejo é um particular da caça bochimane. Quando, excepcionalmente, a caça abunda, consomem-na com parcimónia e secam nas árvores tiras de carne.

Na área dos Bochimanes, os locais de peixe são raros: ou grandes massas de água revolta ou fundos de rio secos durante a longa estiagem. A pesca é, assim, além de reduzida, subsidiária: dos Bantos parece terem recebido a nassa (mas as mulheres bochimanes só pescam quando as pretas se retiram), ao passo que o arpão figura já nas pinturas rupestres.

A deambulação permanente não é favorável à agricultura e à criação de gado, que os Bochimanes vêem fazer aos Pretos; cães e poucas galinhas são os únicos animais que os acompanham. Guardam vacas dos Hereros, mas comem as que recebem em troca deste trabalho; também se desfizeram em pouco tempo de alguns bois que o Governo lhes distribuiu. Não amansam aves nem roedores para divertimento: os animais são carne e a carne é apenas para comer. Um modo de vida, moldado com a terra, fixa-se numa forte tradição, gera os seus mitos e interdições. Mas os contactos de civilizações dão-se e, com eles, a vida sedentária: criam então, esporadicamente, porcos, cabras, algum boi. Mas raramente cultivam: porque os Pretos os ameaçam, porque acreditam em desgraças que a agricultura desencadeia, por falta de jeito e de tradição.

Levam aos Bantos mel e cera, peles, frutos silvestres, caça e recebem deles tabaco e cânhamo, milho miúdo e milho grosso, feijão, mandioca, batata-doce, abóboras, leite azedo, manteiga, bebidas alcoólicas, utensílios e adornos. O comércio da *lukula* (pó vermelho extraído duma árvore) foi uma das suas fontes de prosperidade, trocando-o aos Cuanhamas, que dele fazem largo uso como pintura de beleza, por tabaco, cerveja de milho e alimentos; as anilinas vendidas nas lojas fizeram-no declinar. No fim da época das chuvas e nos meses secos e frios que se lhes seguem, a fome faz aproximar os Bochimanes dos Pretos, que auxiliam nas colheitas, no preparo de sebes de cubatas e currais, na abertura de cacimbas e, excelentes pisteiros como são, acompanham a transumância dos gados dos Cuanhamas para as frescas mulolas do Cubango. Também, da infância à puberdade, os moços vêm servir entre os Pretos, deixando o amo na idade de constituir família. Homens e mulheres prestam vários serviços aos Pretos e, vivendo próximo deles, a sua precária economia coloca-os numa situação de dependência, sem qualquer «obrigação de pagar tributos ou de prestar serviços»; os Pretos tratam os Bochimanes com desprezo e benevolência, como os melhores colonos brancos lhes fazem a eles próprios. Escravidão ou servidão não parece haver, mas apenas dependência, criada pela precariedade da recollecção. Deste convívio, e do desprezo que os Pretos têm pela sua língua difícil, resulta que os homens aprendem as línguas bantas; chegam às vezes a falá-las entre si e até as crianças têm dois nomes, um bochimane outro banto, para que assim possam ser nomeadas, quando homens, nas relações com os povos vizinhos.

De envolta com Pretos, também os Bochimanes são arrebanhados para o trabalho nas pescarias e nas plantações de café e sisal. «Merece a pena dar ideia do modo como se procede ao recrutamento. Têm as empresas seus agentes no mato, que são, em regra, os comerciantes. Montam estes então um perfeito sistema de angariação, com camionetas, intérpretes e mercadorias. Avança a expedição pelos matos dentro. O preto, que serve de língua, põe toda a sua arte na pregação: discursos aliciantes, acenos de dinheiro, uma manta e um saco de fuba adiantados... E tão grande tem sido o êxito destes profanadores do sertão que se contam por milhares os indígenas anualmente congregados.» Nesta situação havia, em 1954, uns trezentos Bochimanes, e o número deles tem aumentado. A princípio adaptam-se mal, adoecem, entristecem; depois adquirem destreza e aumentam de peso. Ao fim de dois anos voltam e recebem, na administração, o montante dos salários vencidos. «É um punhado de dinheiro de que os pobres nem conhecem o valor. Contam apenas sonhos e projectos, que, em tudo, são mesquinhos, como seu tamanho e indigência. O dinheiro até sobra para o que pensaram comprar, apesar dos enganões de Pretos e de Brancos: não conhecem notas nem moedas, recebem o que lhes querem dar.

«Adquirem panos e mantas, botas grandes de mais para os pés, camisas, calções de caqui, casacos amarelos de sargentos americanos, blusas de marinheiros, com divisas, tudo o que os *Yankees* deitam fora e exportam em fardos para a miséria e vaidade africanas. E facas, punhais, machados, catanas, cintos, sabonetes, pulseiras e missangas.

«O dinheiro dá para tudo, disse, e também para obter alguns quilos de massango nos dias que se seguem à chegada do novo-rico. Mas a abundância acaba-se, em breve, distribuída por parentes e amigos. A muda de fato suja-se na escuridão da terra e rasga-se por ramos e espinheiras; em menos de um mês está andrajoso e fétido quem pôde andar uns dias ridiculamente vestido de novo. Enquanto durou o dinheiro, não houve trabalho. Dormiu-se, dançou-se, estendeu-se o corpo ao sol. Foram-se as últimas moedas em negócios com Bantos. A vista, a pobreza antiga, mas já não o vigor de a manter resignadamente, por meio de uma labuta continuada e honesta. A lembrança dos dias fartos ficará em seu coração como uma angústia que aí não morava. Voltar é a porta aberta à esperança e renovam-se os erros se as forças para tanto chegam. Já se não dão com os seus do mesmo modo, começa a esboçar-se uma marginalidade cultural que os apoquentá. E, além desses desgostos, outros em nada menores: a este morreu-lhe o filho, na ausência; àquele fugiu a mulher, com a demora; queixa-se a deste do abandono a que se viu sujeita e briga aquele com a sua por a não ajudar no bandejo diário. Tensões sociais que não têm fim, profunda desorganização económica, que, tornando infelizes os indivíduos, vão destruindo, sem remédio, os próprios fundamentos da sociedade. Estes os males a que conduz a miragem de fortuna que os Brancos lhes oferecem. Em resumo, uma emigração ao desamparo, em que só se atende aos interesses dos grandes estabelecimentos industriais

e agrícolas.» Nisto se cifram, vistos pelo olhar compreensivo do etnólogo, os *benefícios* da civilização.

Este tipo de contactos afigura-se-me que lança muita luz sobre a essência do modo de vida bochimane. Ele é não apenas o resultado duma repulsa para um ambiente hostil, mas a consequência duma forte e tenaz tradição cultural. Vieram os Bochimanes doutras áreas, onde era possível domesticar animais e fazer lavras; vivem na margem de povos pastores e agricultores, cuidam-lhes dos rebanhos, ajudam-nos no trabalho da terra. Mas assim como a África negra *recusou* a roda do carro, largamente representado nas pinturas rupestres do Sahara, e a mó rodante, ainda hoje presente nas tendas de todos os nómadas que com ela confinam, para só usar o pilão e a pedra e rebolo, também o residuo da humanidade bochimane *recusou* tudo o que não fosse recolecção e caça. Isso permite-lhe penetrar mais fundo em estepes onde a água é rara e deixa-lhe uma grande liberdade na permanente deambulação. Que, com outras técnicas, pastoreio e agricultura são possíveis mostram-no os modos de vida das populações negras com que confinam. O maior mantenedor da recolecção não é o ambiente, é o isolamento, neste recesso até há pouco inviolado, longe de civilizações poderosas na difusão das técnicas de domínio da natureza.

Os Bochimanes deambulam, em geral, em áreas certas, que conhecem muito bem e onde gostam de voltar, se acaso foram trabalhar fora. Mas cada um é dono do que apanha, o caçador tem a maior parte da peça que capturou, repartindo as sobras com os outros, os poucos utensílios pertencem uns ao homem, outros à mulher, nada de uso ou de distribuição colectiva, apenas a solidariedade obrigatória da vida em comum. Tudo ao invés dos mitos com que o desconhecimento deformou as sociedades primitivas. Por influência banta, a herança tende a fazer-se por via uterina; ainda se enterram, com o morto, parte dos seus utensílios pessoais.

Os Bochimanes das áreas mais secas do Kalahari abrem buracos na areia e acomodam-se neles em torno do fogo, nas noites frias. No sul de Angola usam cabanas arredondadas, mal cobertas de ramos, folhas e capim, feitas pelas mulheres com auxílio do homem e dos filhos. Abrigos para durar comportam uma cobertura de capim, fixada exteriormente com paus. Os acampamentos maiores não vão além de uns vinte abrigos, dispostos em círculo em torno duma fogueira acendida pelo chefe, que escolhe o local depois de consultar os companheiros mais experientes. Dissimulados no mato, ficam a certa distância dos pontos de água e dos perigosos ajuntamentos de animais e de pastores. Só as mulheres cozinham, o homem apenas acende o lume e assa caça; a preparação culinária é relativamente complexa (frutos duros que têm de ser moídos e cozidos, molhos); fogo e utensílios podem ser utilizados por mais de uma família. A alimentação é irregular, a fome frequente, as empanznadelas de carne de caça e a imprevidência parece terem sido exageradas por alguns autores.

No Kalahari diz-se que os Bochimanes chegam a passar nove meses sem beber água, matando a sede com raízes e sugando a humidade

do estômago de antílopes abatidos; às vezes a água é chupada nas areias por um caule e guardada num ovo de avestruz (única técnica de a conservar!); também escavam com as mãos buracos no leito seco dos rios, onde ela não tarda a aparecer. Mulheres e crianças, de manhã cedo e ao entardecer, colhem-na com cabaças. Apenas usam hidromel como bebida fermentada. Mas têm entranhado o vício de fumar (homens, mulheres e crianças), tabaco e cânhamo, que já usavam antes do contacto com os Europeus. Quanto ao cânhamo, pode pensar-se numa remota e indirecta penetração dum uso generalizado entre os muçulmanos que frequentavam, antes das navegações portuguesas, a África Oriental. O tabaco, provindo da América, generalizou-se rapidamente na África negra, onde serviu de moeda de resgate. Alguns grupos mostram-se apáticos e degenerados pelo uso inveterado da cangonha; outros sabem resistir-lhe. Os Bantos cultivam-na apenas para a vender aos Bochimanes. Aqui temos o exemplo duma civilização tão atrasada e isolada, que recebeu, de contactos exteriores, os seus paraísos artificiais. Dos Cuanhamas receberam também o costume de cheirar tabaco.

O vestuário dos homens consiste num avental ou numa tanga de pele (cada vez mais raros), de pano, de casca de árvore (por influência dos Ganguelas); para caminhar na areia escaldante usam sandálias de couro; as mulheres vestem um pano rodado, a modo de saia; em marcha e no trabalho uma capa de peles, posta a tiracolo, e com ela trazem os filhos às costas. São os homens que fazem a cortimenta rudimentar das peles (secas, raspadas, amaciadas com óleo). Usam com profusão ornatos, principalmente as mulheres, uns confeccionados por elas, outros obtidos por troca.

Os Bochimanes têm cinco ou seis filhos por casal, mas a mortalidade infantil é enorme; um dos gémeos é sacrificado; as crianças têm vida alegre e feliz, nunca são castigadas; raparigas, aprendem a cozinhar e a erguer abrigos, a ir à lenha e à água, a cuidar de meninos; rapazes, acompanham cedo os pais e iniciam-se com eles nos ardis da caça. E, onde se não pratica iniciação sexual, uma escara entre as sobrancelhas indica, no jovem, a sua qualidade de caçador; os presentes de caça aos sogros fazem parte dos ritos de casamento observados entre alguns grupos. A rigorosa proibição da endogamia, as poucas mulheres, que é preciso ir procurar num grupo distante, a dificuldade de alimentá-las, e aos filhos, tornam a poliginia rara entre Bochimanes; os casos referidos parecem de influência de Bantos, entre os quais é prestigioso ter várias mulheres. Os velhos acomodam-se em maus abrigos, servem-se de poucos utensílios, vestem-se de peles velhas e rasgadas, recebem um pouco de comer de familiares; quando trôpegos, arrastam-se, entavando a marcha da horda, ou são abandonados num abrigo com água e alguns alimentos. O modo de vida impõe esta dureza, comum a todos os povos que o praticam.

Os Bochimanes vagueiam em grupos de vinte a sessenta, geralmente parentes, sob a vaga autoridade do mais velho, a que sucede, por morte, o filho primeiro. Mas, ao sabor das necessidades da recollecção,

podem dividir-se ou admitir gente estranha. Não há qualquer organização ou unidade social acima do grupo errante. É assim o seu dia:

«É ainda muito cedo. Cessou o piar das aves nocturnas e soa já o requebro das que anunciam a manhã. Os corpos começam a bulir junto das fogueiras. Aqui se ergue um e espreguiça-se acolá outro, para se acocorarem e fumarem no seu cachimbo. As mulheres fazem o mesmo, passando de mão em mão a bojosa mutopa (cachimbo de cabaga grande). Só depois comem — os que comem — os restos do dia anterior. Homens afiam pontas de flecha, ajustam-nas às hastes e saem para a caça; outros ficam no terreiro, afeiçoando cabos de machado, talhando peles nas peles ou consumindo-se na ociosidade. O sol aquece já a terra, as mulheres abalam para a recollecção. As que ficam, partem maquete na ponta de machados; e em todo o tempo do dia, quando não invade as noites luarentas, se ouve o martelar seco dessa tarefa interminável. E vão à água e à lenha.

«As mulheres regressam pelo meio da tarde, os homens ao pôr do sol; aquelas com que matar a fome, estes, as mais das vezes, de mãos vazias. Ouvem-se na mata próxima os golpes do javite a cortar a lenha para o fogo. Prepara-se a refeição do dia. Fumegam as panelas, as fogueiras crepitam, uma nuvem de fumo denso torna o ar irrespirável e acende a tosse endémica do acampamento.» Fugindo de Pretos e principalmente de Brancos, só os buscando compelidos pela dura necessidade, as três raças, criadas conjuntamente pela mesma força, aparecem já nos mitos bochimanes: esses mitos reconhecem-lhes superioridade e fazem dos pequenos homens amarelos recolectores de mel silvestre, enquanto os Pretos cultivam milho miúdo. Todos falam em viagem; num deles aparece o carro *boer*, o que mostra a sua modernidade e rápida formação. Gente de viver primitivo, não se exime aos contactos que caracterizam o mundo de hoje.

Em conclusão, os Bochimanes possuem uma civilização em extremo rudimentar. «São quase nulas as marcas que deixam no seu quadro natural. Se descontarmos os efeitos do fogo que ateiam para atrair a si os animais silvestres, e estas queimadas tanto podem ser suas como de Bantos ou do céu, nenhum outro sinal, de longe visível, é por eles deixado na face da terra. Os abrigos confundem-se com a folhagem, as clareiras dos acampamentos com as do bosque original, os caminhos são miniaturais e menos claros que os dos antílopes. Mal arranham a terra e nem sua presença avoluma, tão perfeito é o seu mimetismo com a floresta. Mas, se não transformam a Natureza, nos seus grandes espaços, nem por isso a dominam menos nos produtos espontâneos que dela retiram. Tornam mole o que é duro, o amargo doce, o venenoso comestível, pilando, assando, cozendo, e até por uma série de operações físicas e químicas são capazes de fabricar veneno, convertendo em massa castanha informe a seiva leitosa da raiz da *mugwangua*. E, se acrescentarmos que conhecem todas as plantas e o que nelas é útil ou nocivo, os animais como a si mesmos e a arte de os captar, o ritmo das estações e a sucessão dos astros, e que criaram um sistema social, religioso e ético sãbiamente adequado às

formas do seu viver económico, havemos de convir que, apesar da simplicidade relativa de suas técnicas, não estamos diante de uma cultura de baixo nível, mas antes de nível elevado, em conformidade com as limitações do ambiente em que se desenvolve.» Vivem principalmente da recollecção, mas é a caça que dá valor aos homens, que o pai ensina ao filho, o atractivo para buscar mulher; a caça ainda que inspira cantos e histórias; para a tornar propícia se fazem danças análogas às das figurações rupestres; não é actividade principal, mas é, sem dúvida, a mais prestigiosa. A despeito da separação de modos de vida, a influência dos Bantos é muito forte, aceitando os Bochimanes uma posição de dependência que resulta da precaridade da sua economia e imitando muito da civilização superior: lavras, criação de gado, utensílios, linguagem. Um povo que difficilmente poderá manter a sua poderosa individualidade quando, retirado do seu *habitat* inóspito, as condições da vida material se possam melhorar transformando-se profundamente. Está a ponto de perder-se uma das derradeiras relíquias da vida do Paleolítico superior. Por isso o seu estudo era urgente, e o geógrafo lerá com proveito esta cativante monografia.

O. RIBEIRO